

O Genesis

Jehovah, por aleunha antiga—Padre Eterno
Deus muitissimo padre, e muito pouco eterno,
teve uma ideia suja, uma ideia infeliz,
pôz-se a esgaravatar co'o dedo no nariz,
tirou desse nariz o que um nariz encerra,
deitou isso depois cá baixo e fez-se a terra.

Em seguida tirou da cabeça o chapéu,
pô-lo em cima da terra, e zás, formou o céu.
Mas o chapéu azul do Padre Omnipotente
era um velho penante, um penante indecente,
já muito carcomido e esburacado,
e eis porque o céu ficou todo estrelado.

Depois o creador (honra lhe seja feita!)
achou a sua obra uma obra imperfeita,
mundo sarrafaçal, mundo de fancaria,
que nem um aprendiz de deus assinaria,
é, furioso, esbarrou no mundo sublunar,
e a saliva ao cair na terra fez o mar.

Depois para que a igreja arranjasse entre os povos,
com bulas da cruzada alguns cruzados novos,
e Tartufo pudesse, ainda dessa maneira,
jejuar sem comer de carne à sexta-feira,
Jehovah fez então, para a crença devota,
a enguia, o bacalhau e a pescada marmota.

Em seguida meteu a mão pelo sovaco,
mais profundo e maior que a Caverna de Caco,
e, arrancando de lá parasitas estranhos,
de toda a qualidade e todos os tamanhos,
lançou-se sobre a terra, e deste modo insonte
fez ele o megatorio e o mastodonte.

Depois para provar em suma quanto pôde
em creador, tirou dois pêlos do bigode,
cortou-os em milhões e milhões de bocados,
(obra em que ele empregou quatrocentos machados),
dispersou-os no Globo, e foi desta maneira,
que nasceu o carvalho, o platano e a palmeira.

Por fim com barro vil, assombro da olaria,
que é que imaginais que o creador faria?
Um póte? Não: um bicho, um bipede com rabo,
a que uns chamam Adão, e outros Simão. Ao cabo,
o pobre creador, sentindo-se já fraco,
(coitado, tinha feito o universo e um macaco
em seis dias) pensou: Deixemo-nos de asneiras;
trago já uma dôr horrivel nas cadeiras,
fastio... isto dá cabo até duma pessoa.

Nada, toca a dormir uma sonata boa.
Descalçou-se, tirou os oc'los e o chino;
pitadeou com delicia alguns trovões em pó;
abriu, para cair num sono repentino
o alfarrabio, chamado o Livro do Destino.

E enfianlendo bom a carcassa caduca
com o barrete azul celeste até á nuca,
fez orthodoxamente o seu sinal da cruz,
como qualquer de nós, tossiu, soprou a luz,
e de pança p'ró ar, num repouso bemdito,
espçou-se e estirou-se ao longo do infinito
num imenso enxergão de neve e luz doirada...

E até hoje, que eu saiba, inda não fez mais nada.

Guerra Junqueiro

Dinheiro de São Pedro

De tal modo imitou o papa a singeleza
Do martir do Calvario,
Que, à força de gastar os bens com a pobreza,
Tornou-se milionario.

Tu hoje podes vêr, ó filho de Maria,
O teu vigario humilde,
Conversando na belsa os fundos da Turquia
Com o barão de Rotschild.

A Cruz da Redenção, que deu ao Mundo a Vida
Por te haver dado a morte,
Tem-na no seu bureau o padre santo, erguida
Sobre uma caixa forte.

E toda essa riqueza imensa acumulada
Por tantos financeiros,
O que é a economia, ó Deus! foi começada
Com trinta dinheiros.

Guerra Junqueiro

O Baptismo

Baptisais: arrancais dum anjo um salamá
Desinfeciais Aífel banhando-o em água-ras
Da igreja, e no fim que malandro expectora,
Dizeis, á noite, —limpa a técnica da aurora.

E ao rouxinol dizeis: —pede a bênção da cruz
Dais os lírios em flor ao rôl da roupa suja,
Representais a farsa estúpida e sombria
Dum cônego a lavar um astro nyma plu.

Finalmente extrais da inocencia o pecado,
Que é o mesmo que extrair duma rosa um cevado.
E tudo isto porque?

Porque na biblia um mdo
Devora uma mãe sem licença do dono!

Guerra Junqueiro

Parasitas

No meio duma feira uns poucos de patulhos
Andavam a mostrar em cima dum junqueiro
Um adorno infelz, sem mãos, sem pés, sem brachos
Adorno que lhes dava um grande vendaval

Os magros histriões, hipocritas, devassos,
Exploravam assim a flor do sentimento,
E o monstro arregalava os grandes olhos bagos,
Uns olhos sem calor e sem entendimento.

E toda a gente deu esmola aos tais ciganos
Duram esmola até mendigos quasi nús
E eu, ao vêr este quadro, apostolos romanos,
Eu te murei-me de vôs, funâmbulos da rua

Que andais pelo universo ha mil e tantos annos
Exibindo, explorando o corpo de Jesus

Guerra Junqueiro

Mentiras Divinas

Cantos aos crentes

XIV

Porque os tais falsos apóstolos
São obreiros dolosos, que se trans-
formam em apóstolos de Christo.
E não é de espantar, porque o
mesmo Satanaz se transforma em
anjo de luz.

*Evangelho: 11 aos Corinthios, Cap.
XI Vers: 13 e 14.*

Assim como Satanaz se transfor-
ma em anjo da luz, assim os vossos
Padres, ó crentes, os tais falsos apos-
tolos de que fala St. Paulo no ver-
culo supracitado, transformaram o
vosso christianismo numma religião
gentilica.

Mais uma vez vou fazer-vos o pa-
ralelo entre o vosso christianismo e a
Mithologia, para que fiqueis scientes,
novamente, de que o Clero fez de vós
uns pagãos, renegando o Paganismo,
ou uns catholicos, renegando o catho-
licismo.

A vossa semana santa é um arre-
medo da Mithologia.

O culto de Adonis começou na Fe-
nicia e de lá se espalhou pelos paizes
vizinhos—Egypto, Siria, e até pela
Judeia; pois os prophetas muitas vezes
o reprovaram aos Judeus. Dali pas-
sou a toda a Grecia.

Adonis era um principe moço que
reinava na Fenicia. Um dia que este
principe andava á caça, um javali
mordeu-lhe e por tal motivo o povo
o julgou morto, sendo chorado em
toda a Fenicia.

Porém, no fim dum ano ficou são.
A alegria do povo succedeu á tristeza
e disseram que o principe tinha volta-
do dos Infernos—dos males.

Em memoria deste acontecimento,
o povo promovia todos os anos uma
festa, que durava oito dias. Toda a
cidade vestia luto e dava mostras pu-
blicas de aflicção por meio de choros e
gemidos. Ainda se aprasentam pela
semana santa as carpideiras antigas.
As mulheres, que eram Ministras deste
culto, corriam as ruas com a cabeça
rapada e ferido o peito.

Em Alexandria eram levados nesta
procissão dois leitões bordados a ouro
e a prata, um para Venus e outro
para Adonis.

Esta procissão marchava ao som
de trombetas, e de toda a sorte de
instrumentos conhecidos, que acom-
panhavam a voz dos musicos.

No ultimo dia de festa, o luto mu-
dava-se em alegria—aleluia!—e o povo
enchia-se de grande jubilo na resurrei-
ção de Adonis.

Lede, ó crentes, e vereis mais se-
melhanças do christianismo com a
mythologia.

Vistes que a resurreição do vosso
Christo é uma parodia á resurreição
de Adonis; agora vou mostrar-vos, ó
pobres iludidos, que o diluvio do vosso
Jehovah é outra parodia ao diluvio
mithologico.

Deucalio era filho de Prometheu
e de Pandora. Era rei de Thessalia e
a sua piedade fez que Jupiter, o deus
dos deuses, afogando o genero huma-
no, por efeito dum diluvio, o livrasse
a ele e á familia, salvando-os dentro
dum esquife sobre o monte Parnaso.
Depois que as aguas se retiraram,
Deucalio e sua familia consultaram
o oraculo de Themis para saberem
qual era o melhor modo de reparar o
genero humano; o oraculo responden-
do cobrirem a cabeça e afigurarem
parezaz de si os ossos de sua Mãe.
Deucalio entendem que a Mãe de que
falava o oraculo era a Terra e que as
pedras eram os ossos. Deucalio aju-
ra as pedras e essas convertiam-se
em Homens como as pedras atiradas
por sua mulher Pyrrha, se convertiam
em mulheres.

Vamos agora á explicação desta
fabula. No reinado de Deucalio, o
curso do rio Penes parou por efeito de
um tremor de terra, entre o monte
Ossa e o Olympo, lugar onde desem-
boca este rio. Nesse ano, houve uma
abundancia tal de chuva, que a Thes-
salia, situada num terreno plano, ficou
toda inundada, de forma que Deuca-
lio e os seus vassallos, para se livra-
rem do diluvio, se retiraram para o
monte Parnaso, deixando todos, de-
pois que as aguas desapareceram...

Os filhos dos fugidos ao diluvio são
as pedras a que o oraculo se refere...

Aqui tendes vós, crentes, amigos,
a lenda do diluvio copiada pelas vos-
sas Escripuras Santas, nas quaes o
vosso Deus foi egual a ferocidade
de Jupiter e salvou o vosso Deus den-
tro de uma arca!

Se consultardes qualquer livro de
mythologia não vos será difficil encon-
trardes este e outros plagios que o
vosso Christianismo faz.

Tomos agora um ponto capital, o
que se refere ao vosso Jesus Christo.
Escusado é contar-vos como foi
concebida esta pedra fundamental da
vossa religião, como viveu e qual o
seu fim, porque a Igreja tudo vos
esconde sobre este particular.

A vida do vosso Redemptor é tam-
bem uma parodia feita, pelos Padres,
á religião buddhista.

O buddhismo é uma religião asiáti-
ca, que admitta a transmigração das
almas; deriva do Brahmanismo.
Buddha ou Cakyamuni, sabio indiano
do seculo VI ou VII antes de Christo,
é hoje o symbolo da redempção, de
parte da população asiatica.

A mãe de Buddha, de nome Maya
ou Mahia, concebeu sem pecado, não
teve a minima relação conjugal e por
sua morte teve a graça de ser coloca-
da no céu.

Temos aqui tres cousas para lidas
pelo christianismo: primeiro, o nome
de Maria é uma adulteração do nome
da mãe de Buddha, que vivén seis ou
sete seculos antes de Christo; segundo
a scena também parodiada pelo vosso
Nazareno, ó crentes, é a circumstancia
da mãe de Jesus conceber fora de todo
o peccado e o terceiro é da virgem Ma-
ria, por suas virtudes, ser recebida
no céu, tal e qual como a virgem Mahia
seculos antes, fora recebida no céu.

Buddha, á maneira que ia descen-
do, maravilhava os doutores pela sua
extraordinaria intelligencia e sabedoria.
Chegado a certa idade, abandonou a
casa dos paes, pois que a virgem Maria
era casada, e foi cumprir a sua mis-
são, que era fraternisar os povos.

Jejuou no deserto durante um pe-
riodo de 49 dias, e fez muitos crentes.

A sua moral era muitissimo supe-
rior á do vosso Christo, acrescentando
ainda que o asiatico também pronun-
ciou o *Sermão da Montanha*.

Buddha
resuscitou e appareceu aos discipulos,
animando-os a proseguirem a obra de
redempção, que por ele fora come-
çada...

O' crentes, os factos é que falam.
Não védes nisto as passagens da vida
do vosso Jesus? E, tendo elas aconte-
cido a Buddha, seis ou sete seculos
antes de haverem succedido ao vosso
redemptor, porque havemos de negar
que a personalidade de Christo seja
uma reles parodia, ridicula, de Caky-
muni p'ra vos iludir? A não ser, que
os vossos Padres queiram admitir a
segunda vinda de Buddha e que este
tivesse representado a mesma peça
para não variar.

Buddha também teve, como o vosso
Christo, um discipulo traidor. Buddha,
como o vosso Jesus, não deixou nada
escripto, tendo os seus discipulos re-
colhido as suas doutrinas e feito um
livro. Para melhor poderdes conven-

A LUZ

car-vos, ó crentes amigos, encontra-
reis no *Buddhismo* todos os ritos, cul-
tos, ceremonias, etc., do vosso Chris-
tianismo...

Qual é a primeira crença na ordem
cronologica —o *Buddhismo* ou o *Cris-
tianismo*?

Saquerdes mais algum acout-sei-
mento religioso que a vossa Igreja
parodia, observemos na Persia o Deus
Redemptor Mithra, que tem pontos de
semelhança mui pronunciados com o
vosso Jesus.

Nos livros sagrados da Persia, o
deus redemptor transforma-se, como
faz o vosso Nazareno. Também cha-
mado Senhor, nasce de uma virgem e
dentro duma gruta, a 25 de Dezem-
bro. Como a mãe do vosso Cristo, a
mãe de Mithra é virgem antes e de-
pois do parto...

Reparaes, ó crentes, na imagem fiel
do vosso catholicismo. O nascimento
do Redemptor dos Persas é annuciado
por uma estrela apparecida no Oriente
e os magos levam-lhe perfumes, ouro
e myrrha. O deus persa, como o vosso
Salvador, morre na primavera, como
o vosso Galileu, tem o seu sepulcro,
os sacerdotes levam-no ao tumulo, de
noite, como os vossos, num andar e
acompanhado com ceremonias, can-
tos fúnebres e lagrimas. Depois de
todo esse carnaval, um dos padres
declara ao povo que Mithra resusitoa
para salvar a humanidade e, no fim
de tudo isto, os basbaques ficam con-
tentes, como cá, sem pensarem que a
repetição annual de toda esta comedia
é uma prova da inoficacia do sacrificio
dum deus a quem os Padres obrigam
a nascer e a morrer todos os anos,
não para encher de graças a Huma-
nidade, mas sim para encher de di-
nheiro os bolsos e os cofres da Clerica-
lta.

Ficareis surprehendidos, ó crentes,
se, na pratica, assistisdes ás outras
religiões. Tanto a vossa é uma repro-
dução destas.

S. Justino, não podendo explicar
esta sem lhaça, e não podendo ne-
gá-la, dizia, que o diabo tinha revelado
aos persas os mysterios do *Cristianis-
mo*, antes do nascimento do vosso Christo!

Este santo não só afirma que o
Cristianismo na Persia é mais antigo
que o vosso, como diz que o Diabo an-
dou por si feito Messias, fazendo, as-
sim saber que Satanaz é o vosso
Salvador se id-nificam e que o vosso
Jesus não se recusou, mais tarde, a
fazer uma reprodução demoniaca.

Os vossos Padres não ronbaram
só as personagens, passagens, mila-
gras, ritos, e etc., das outras cren-
ças; roubaram, como vimos, no nome
Mahia, transformando-o em Maria. O
pae putativo de Jesus também é uma
imitação, como também é um plagio
o próprio nome de Jesus Christo!

Jezeús Cristna também é um outro
redemptor da India e representava a
oitava encarnação de Deus Vichnu ou
Brahma, que existiu ha milhares de
seculos!... Não estaes vendo, ó cren-
tes, neste Jezeús Cristna o nome do
vosso Jesus Christo? Com uma peque-
na supressão e substituição de letras
fazeis do nome do vosso Salvador,
dum deus antigo, um deus moderno...

Repito-vos a vossa religião é uma
mistura de todas as outras: gentilicas,
judaicas, persas, gregas, etc. Não sei
qual a razão porque odiades os crentes
das outras religiões, sendo a vossa
egual ás outras. Ou vós sois os mes-
mos crentes dos varios mythos exis-
tentes, ou os outros religiosos são
vossos iguaes no *Cristianismo*—Esco-
lhei o que vos convier.

Ha mais Deus, com certeza, do
que os cardos secos de um rochedo nu.
Que uma biblia antiga... O natural.
A unica biblia verdadeira é tu...

GUERRA JUNQUEIRO

- 1."O Genesis"
A Luz
20 Dez. 1920, p. 3
- 2."Dinheiro de São Pedro"
A Luz
6 Jan. 1921, p. 3
- 3."O Baptismo"
A Luz
20 Dez. 1919, p. 3
- 4."Parasitas"
A Luz
20 Jan. 1920, p. 3
- 5."Mentiras Divinas"
A Luz
20 Ago. 1919, p. 2